

CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

Herbert Victor Levy - Presidente

Luiz Fernando Ferreira Levy - Vice-Presidente

Paulo Roberto Ferreira Levy

Henrique Alves de Araújo

Roberto de Souza Ayres

Delacir Mazzini

Benjamin Constant Correa Junior

SEGUNDA-FEIRA, 9 DE SETEMBRO DE 1996

Economia - Brasil

Corrigindo um ex-presidente

Algumas notícias no final da semana passada nos trouxeram à memória a famosa frase do ex-presidente Médici, quando ele dizia que a economia ia bem, mas o povo andava mal. Aquelas notícias nos permitem rever e modificar a consternada advertência que ele resignadamente deixou no seu discurso de despedida e que, infelizmente, tanto tem demorado para ser contraditada.

A primeira dessas notícias referia-se à inflação medida pela Fipe, em São Paulo, que registrou apenas 0,34% em agosto, a segunda taxa mais baixa desde o início do Plano Real, o que levou muitos economistas a estimar que o ano fechará com 13,5% no máximo, ou menos do que isso.

A segunda informação, no dia seguinte, nos dava conta, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio (PNAD), feita pelo IBGE, de que o quadro de distribuição de renda no País apresenta importante melhora, com o índice de Gini, que mede a desigualdade de renda, situando-se no menor nível desde 1986, a par de aumento de 30% no rendimento médio mensal do brasileiro em comparação com 1993.

A terceira nota mostrava-nos, porém, as dificuldades do governo central de conter seus gastos e de convencer os governos estaduais a entrar nos programas de ajuste fiscal.

Difíamos, portanto, corrigindo a frase de Médici, que, enquanto a situação do povo e da econo-

mia melhora, hoje em dia são as finanças do setor público que não acompanham o ritmo.

É isso que está fazendo com que as tarifas públicas se transformem no inimigo da estabilidade, uma vez que, ainda segundo a Fipe, elas foram responsáveis por quase metade da inflação de 8,76% acumulada no ano, e, não fosse esse fator, a taxa de agosto teria revelado a primeira deflação do período do Plano Real.

Reconheçamos que os governos, federal e de alguns estados, estão fazendo esforços meritórios no bom sentido de equilibrar suas finanças, mas examinemos um pouco o cenário oferecido pelas tendências positivas do desempenho da economia.

O decréscimo continuado das taxas de inflação resulta naquilo que as pesquisas estão demonstrando, ou seja, melhor distribuição da renda e elevação do nível de rendimento médio da massa da população. O que significa, sem dúvida, ampliação paulatina do mercado interno e, portanto, novas e maiores oportunidades para investimentos privados e para os empreendimentos já existentes. Talvez isso explique também, em certo grau, as dificuldades de elevar as exportações e conter importações, cuja face problemática é a continuidade dos déficits da balança comercial.

Outra consequência relevante das quedas da inflação é o aumento do poder de negociação do consumidor, dificultando cada vez mais qualquer remarcação de preços, principalmente no mercado de varejo, e com isso dinamizando a concorrência e obrigando as empresas a cuidar sistematicamente dos seus custos em vez de simplesmente repassá-los. Trata-se de um círculo virtuoso, no qual cada recuo de preços induz a novas quedas.

Com tudo isso, os investimentos produtivos são favorecidos, uma vez que as expectativas sobre as taxas de juros tornam-se também decrescentes, como aliás já indica o mercado futuro dessas taxas. Além disso, fortalece-se a possibilidade de lançamento de títulos de mais longo prazo, não só para alongamento da dívida interna do setor público e redução dos seus custos – como tem insistido em prever o ministro do Planejamento Antônio Kan-dir – mas, sobretudo, para gerar o “funding” de financiamentos a prazos mais longos que tanta falta fazem para as iniciativas e planos do setor privado.

O conjunto desses fatos e potencialidades, analisado de maneira serena e objetiva, certamente contribui para limitar e reduzir a influência de uma característica psicossocial não desprezível que é o derrotismo e o ceticismo com que se comprazem muitos brasileiros. A melhoria da confiança no acerto da nossa economia e nas possibilidades de desenvolvimento sustentado também é um círculo virtuoso que as recentes notícias favorecem.